

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Repercussões transgeracionais em casais na etapa de formação: Estudo de casos múltiplos

Transgenerational repercussions on couples in the formation stage:

Multiple case study

Repercusiones transgeneracionales en parejas en etapa de formación:

Estudio de caso múltiple

Giovanía Mitie Maesima¹, Denise Falcke², Crístofer Batista da Costa³, & Adriana Wagner⁴

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* giovaniमितie@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0003-4347-3601>

² Universidade do Vale do Rio dos Sinos. *E-mail:* dfalcke@unisinós.br *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-4653-1216>

³ FACEFI, Faculdade de Psicologia do CEFI. *E-mail:* crístoferbatistadacosta@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-1307-1436>

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. *E-mail:* adrianaxwagner@gmail.com *ORCID:* <https://orcid.org/0000-0002-0629-2310>



Informações do Artigo:

Giovanina Mitie Maesima

giovaniamitie@gmail.com

Recebido em: 10/11/2022

Aceito em: 22/04/2023

RESUMO

A formação do casal é um processo complexo, dinâmico e multideterminado, no qual se expressam aspectos transgeracionais. Com o objetivo de compreender como três casais na etapa de formação avaliaram as repercussões das experiências na família de origem na conjugalidade, realizou-se um estudo de casos múltiplos. Os dados das entrevistas conjuntas e individuais revelaram que os casais refletem sobre a conjugalidade dos progenitores e identificam aspectos que procuram não repetir. Esta tomada de consciência, provavelmente, se deve ao tratamento psicoterapêutico realizado pelos participantes. Os resultados sugerem a importância de atentar ao impacto da baixa diferenciação de self na prática clínica.

PALAVRAS-CHAVE:

Família de origem; Relações conjugais; Dinâmica de casal; Gerações; Pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

The couple formation is a complex, dynamic, and multi-determined process, in which transgenerational aspects are expressed. A multiple case study was conducted to understand how three couples, in the formation stage, evaluated the repercussions of their experiences in the family of origin on conjugality. Data of joint and individual interviews revealed that couples reflect about parents conjugality and identify aspects they try not to repeat. This awareness is probably due to psychotherapeutic treatment carried out by participants. The results suggest the importance of paying attention to the impact of low differentiation of self in clinical practice.

KEYWORDS:

Family of origin; Marital relations; Couple dynamics; Generations; Qualitative research.

RESUMEN

La formación de pareja es un proceso complejo, dinámico y multideterminado, en el que se expresan aspectos transgeneracionales. Para comprender cómo tres parejas en etapa formativa evaluaron las repercusiones de sus experiencias en su familia de origen sobre la conyugalidad, se realizó un estudio de casos múltiples. Datos de entrevistas conjuntas e individuales revelaron que las parejas reflexionan sobre la conyugalidad de sus padres e identifican aspectos que intentan no repetir. Esta conciencia probablemente se deba al tratamiento psicoterapêutico realizado por los participantes. Los resultados resaltan el impacto de la baja diferenciación del self en la práctica clínica.

PALABRAS CLAVE:

Familia de origen; Relaciones conyugales; Dinámica de pareja; Generaciones; Investigación cualitativa.

A etapa de formação do casal é considerada complexa tendo em vista as diversas negociações impostas pela convivência e pelo compartilhamento do mesmo espaço físico para aqueles que coabitam (McGoldrick, 2016). Espera-se que o casal estabeleça como lidar com o dinheiro, com os afazeres domésticos, o lazer, o tempo individual e compartilhado, os conflitos, a vida sexual, entre outros. Além disso, outras demandas podem ser destacadas, como o comprometimento com o novo sistema, o estabelecimento de uma relação mutuamente satisfatória, a assunção de novos papéis enquanto parceiros, ao passo em que renegociam as relações com as famílias de origem e o desenvolvimento da intimidade sem

que isso implique em fusão (McGoldrick, 2016; McGoldrick & Shibusawa, 2016; Ríos-González, 2011).

Os limites entre a intimidade e a fusão podem ser pouco claros no início da relação, entretanto, a sua diferenciação é importante para a vivência de uma boa saúde conjugal. A fusão no relacionamento conjugal geralmente se associa a uma baixa diferenciação com a família de origem (Bello & Marra, 2020; McGoldrick, 2016), sendo possível que o indivíduo tente – não necessariamente de forma consciente – resolver o relacionamento com seus cuidadores a partir da relação amorosa. Conforme Bowen (1991), o processo de diferenciação de *self* diz respeito ao nível de autonomia emocional que uma pessoa alcança em relação à tendência de fusão emocional de sua família. Diferenças de gênero, nesse processo, foram observadas em um estudo brasileiro, feito com quatro casais jovens sem filhos: as mulheres sofreram mais com a saída do seio familiar do que seus parceiros, além de suas famílias exercerem mais influência sobre a díade (Bueno et al., 2013).

Na construção da conjugalidade deve-se considerar que cada parceiro traz para o relacionamento expectativas, mitos, crenças e formas de se relacionar aprendidas ao longo da vida no núcleo familiar (McGoldrick, 2016; Ríos-González, 2011). O casal se depara com a tarefa de eleger quais práticas e rituais das famílias de origem devem ser mantidos ou modificados, para, então, criar seu próprio sistema (Ríos-González, 2011). Nesse sentido, para que as divergências inerentes à conjugalidade na etapa de formação do casal sejam encaminhadas de forma mais harmoniosa e favoreçam a consolidação do vínculo conjugal é importante que ambos os parceiros tenham cumprido a tarefa desenvolvimental de diferenciar-se de suas famílias de origem (McGoldrick, 2016; McGoldrick & Shibusawa, 2016). Quando a atualização do novo *status* perante as famílias não ocorre, a dissolução da relação torna-se mais suscetível (McGoldrick & Shibusawa, 2016). Destaca-se, assim, a

importância de se atentar para o nível de diferenciação com a família de origem, considerando que este aspecto se faz presente na forma como o casal encaminha seus conflitos, especialmente no que se refere ao transbordamento emocional durante as discussões e na satisfação conjugal (Gubbins et al., 2010).

Mesmo que a diferenciação com a família de origem tenha sido suficientemente alcançada, sabe-se que as experiências familiares ressoam, em maior ou menor grau, na vida dos descendentes (Hameister et al., 2015). É consenso na literatura que a qualidade da relação pais-filhos desenvolvida na família repercute de maneira relevante na dinâmica conjugal dos indivíduos (Chen & Busby, 2019; Dennison et al., 2014; Jamison & Lo, 2021; Komorowska-Pudło, 2021; Monk et al., 2021; River et al., 2022). A influência da família desde a escolha do parceiro até o desenvolvimento e a dissolução da conjugalidade foi descrita em estudos brasileiros (Quissini & Coelho, 2014; Zarth et al., 2018). Observou-se em uma pesquisa com cinco casais de noivos gaúchos, a semelhança de discursos sobre os modelos conjugais dos pais e os aspectos valorizados no parceiro e no relacionamento, o que corrobora a influência do modelo familiar, seja buscando replicar ou evitar sua repetição (Silva et al., 2010). Esses achados estão coerentes com os apresentados em um estudo qualitativo norte-americano, com 35 adultos, que revelou que aqueles que tiveram bons modelos parentais buscaram internalizar e replicar tais práticas, enquanto aqueles que tiveram modelos parentais deficitários tenderam a adotar duas estratégias: a de tentativa e erro, empenhando-se para não repetir tais modelos e a de iniciar uma relação de compromisso o mais precocemente possível para sair do seio familiar (Jamison & Lo, 2021).

A transgeracionalidade, compreendida como os processos transmitidos através das gerações que se mantêm na história familiar (Falcke & Wagner, 2005), pode ser verificada por meio de diferentes variáveis, como a qualidade conjugal (Dennison et al., 2014), e os

conflitos (Komorowska-Pudło, 2021; Monk et al., 2021), por exemplo. Alguns estudos internacionais (Anderson et al., 2014; Chen & Busby, 2019) forneceram explicações sobre como tal repercussão ocorre: indivíduos com experiências negativas na família, provavelmente, testemunharam modelos conjugais ruins, tendo aprendido poucas habilidades e comportamentos facilitadores para a conjugalidade na vida adulta. Assim, sem intervenções – como a psicoeducação ou a terapia, por exemplo – a repetição do padrão familiar torna-se mais provável (Chen & Busby, 2019). Outras explicações foram que os indivíduos de famílias autopercebidas como disfuncionais (a) tenderam a apresentar piores estratégias de resolução de conflitos na adultez, reverberando em menor sucesso relacional (mensurados por meio da confiança, compromisso e dedicação no relacionamento) ou (b) com maior frequência apresentaram altos níveis de depressão que, por sua vez, se associaram a piores habilidades de resolução de conflitos e sucesso relacional na conjugalidade (Anderson et al., 2014).

Nota-se um crescente interesse em pesquisas nacionais visando compreender a influência da percepção da conjugalidade dos pais na construção conjugal dos filhos (Rosado et al., 2016; Scorsolini-Comin et al., 2015; Ziviani et al., 2009), o que auxilia a complexificar o entendimento sobre a reverberação intergeracional dos modelos de casal. Em síntese, verificou-se em uma pesquisa com 1.350 brasileiros associação entre as percepções negativas sobre o relacionamento conjugal dos pais e menor ajustamento conjugal. Porém, o grupo de pessoas com percepções negativas mostrou-se suficientemente ajustado, demonstrando melhores condições de, a partir da tomada de consciência, não repetir os padrões conjugais negativos (Rosado et al., 2016). Destaca-se, assim, que não só as vivências familiares reverberam na conjugalidade dos descendentes, mas outras experiências, relacionamentos e a idade/maturidade dos indivíduos também podem influenciar de modo significativo na

satisfação conjugal (Scorsolini-Comin et al., 2015) e auxiliar a administrar o legado familiar (Falcke et al., 2008). Nessa perspectiva, a transgeracionalidade pode ser transformada e atualizada por meio das experiências da conjugalidade e/ou da parentalidade, na medida em que oferecem uma releitura de vivências traumáticas, favorecendo a sua ressignificação e ao mesmo tempo apresentando possivelmente modelos mais adaptativos (Scorsolini-Comin & Santos, 2016). No encontro com o parceiro e seu *background* familiar, novos aprendizados e possibilidades surgem.

Em síntese, observa-se que os estudos sobre transgeracionalidade e formação do casal apontam que, apesar de as experiências na família de origem não serem determinantes, elas tendem a exercer uma significativa influência na vida adulta, sobretudo quando não são reconhecidas e trabalhadas pelos descendentes. Contudo, é possível modificar padrões relacionais desadaptativos a partir de outras experiências e relacionamentos (Falcke et al., 2008; Rosado et al., 2016; Scorsolini-Comin et al., 2015).

As repercussões transgeracionais também podem ser percebidas em outras etapas, além da formação do casal, conforme ilustrado em uma pesquisa brasileira, que relatou o atendimento psicoterapêutico de um casal com filhas pequenas (Bello & Marra, 2020). Observou-se a repetição transgeracional de padrões conforme o gênero, mesmo se tratando de aspectos que os participantes avaliaram negativamente acerca do comportamento de seus pais. A terapia auxiliou o casal a se diferenciar de suas famílias de origem, tomando consciência dos legados familiares e auxiliando-o a construir o próprio modelo conjugal. Evidencia-se a potencialidade de estudos sobre a temática da transgeracionalidade para a prática clínica com casais, tendo em vista a repercussão dos modelos conjugais familiares.

Além disso, embora seja possível modificar padrões disfuncionais ao longo da vida, isto se torna mais improvável e limitado com o passar do tempo, o que reforça a importância de intervir o mais precocemente possível com indivíduos ou casais com altos níveis de conflito e com histórico de baixa qualidade de relacionamento pais-filhos (River et al., 2022). Sabe-se que a satisfação conjugal nos anos iniciais repercute de maneira significativa na trajetória relacional posterior (Lavner & Bradbury, 2019), o que destaca a relevância de pesquisas dedicadas a investigar a etapa de formação do casal. Diante do exposto, este estudo se propôs a compreender como três casais na etapa de formação avaliaram as repercussões das experiências na família de origem em sua conjugalidade.

Método

Delineamento e Participantes

Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e transversal, realizado a partir de estudo de casos múltiplos (Yin, 2015). Os casos consistem em três casais heterossexuais, sem filhos, adultos jovens, residentes de Porto Alegre, em primeira experiência de coabitação, iniciada há no mínimo seis meses e no máximo 18 meses (média: 13 meses). A Tabela 1 apresenta mais informações para a caracterização dos participantes (nomes fictícios).

Tabela 1

Caracterização dos Casais Participantes.

Casal	Nomes fictícios	Idade, cor/raça autodeclarada e escolaridade	Configuração atual da família de origem	Posição entre irmãos e (número total de filhos)
A	Amanda	25, branca, ES	Recasada	Caçula (3)
	André	24, branca, EM	Recasada	3º (4)
	Bárbara	23, parda, ES	Coabitação	Filha única
B	Bernardo	23, branca, ES incompleto	Coabitação	Primogênito (3)
C	Claudia	32, branca, ES	Divorciada	Caçula (3)
	César	31, branca, ES	Casada	Caçula (3)

Nota. ES = Ensino superior; EM = Ensino Médio.

Instrumentos

Todos os instrumentos foram produzidos pelos autores. O Questionário Sociodemográfico estava composto por 15 questões abertas e fechadas. A Entrevista Conjunta foi baseada em estudos sobre a etapa de formação do casal (McGoldrick, 2016; Ríos-González, 2011), explorando temas como: adaptação à coabitação, vida sexual, finanças e tarefas domésticas, atividades de lazer, conflitos e resolução, relacionamento com as respectivas famílias de origem, projetos para o futuro, entre outros. A Entrevista Individual foi feita com cada parceiro separadamente. O roteiro, com aproximadamente 25 questões, foi produzido após a transcrição da entrevista conjunta, com o objetivo de aprofundar aspectos relevantes da primeira entrevista, permitindo também avaliar a perspectiva individual de cada participante.

Procedimentos e Aspectos Éticos

O acesso aos participantes se deu por meio de indicação da rede de contatos dos autores. Os potenciais participantes foram convidados por e-mail, no qual se informou os objetivos da pesquisa e em que consistia sua participação. Após o aceite, o questionário sociodemográfico foi enviado por e-mail e agendada a entrevista conjunta. Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente pela primeira autora, tendo ocorrido na residência dos participantes em dois casos. Com um dos casais do estudo, as entrevistas foram feitas em um consultório clínico por opção dos participantes. Na ocasião das entrevistas, a entrevistadora apresentou-se, entregou a cada um o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi lido e assinado. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio com a anuência dos participantes. Após a transcrição da entrevista conjunta e a confecção dos roteiros individuais, as entrevistas com cada parceiro foram agendadas. A duração das entrevistas conjuntas variou entre 1h03 e 2h11 (média: 1h34), e das individuais entre 46min e

1h56 (média: 1h12). A coleta de dados foi feita entre junho e novembro de 2020. O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (parecer nº. 4.143.492), aprovou este estudo e todos os cuidados éticos foram considerados conforme a resolução do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos.

Resultados e Discussão

Primeiramente, expõe-se uma breve descrição de cada caso. Após, é apresentada a análise vertical dos casos, em que se descreve a configuração familiar do casal, a relação do casal com suas famílias de origem e a avaliação sobre o modelo conjugal dos pais, articulando-a com as repercussões na conjugalidade dos participantes. Finalmente, expõe-se a síntese de casos cruzados, compondo uma análise horizontal, a partir de semelhanças e singularidades dos casos, articulando-os com a literatura. As falas oriundas das entrevistas conjuntas (EC) e individuais (EI) são seguidas de suas siglas entre parênteses para distingui-las. As idades e tempo de relação ou de coabitação informadas nos casos foram calculadas considerando a data da primeira entrevista realizada com o casal.

Casal A: Amanda e André

Amanda (25 anos) e André (24 anos) namoraram durante seis anos e cinco meses e completaram um ano e três meses de coabitação. Eles se conheceram no colégio, em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. André se mudou para Porto Alegre e, por isso, perderam o contato. Após concluir o ensino médio, Amanda também passou a viver na capital e, assim, voltaram a conversar por meio de mídias sociais. Alguns meses depois, iniciaram o relacionamento, tendo namorado à distância durante um ano antes de começar a coabitação. O início da coabitação foi ritualizado com um *chá de casa nova*, e Amanda passou a residir com André em seu apartamento. O casal compartilha os cuidados de um

cachorro, inicialmente adotado por Amanda. Relatam ter uma rotina intensa de trabalho e que ambos fazem terapia individual.

Configuração Familiar de Origem do Casal A

Amanda é a terceira filha da família. Seus pais são casados há mais de 40 anos, porém já se divorciaram uma vez e depois recasaram entre si novamente. Ela tem 10 e 11 anos de diferença em relação a seus irmãos, ambos casados. A irmã mais velha tem um filho de um ano, que é seu afilhado. O irmão mora atualmente fora do Brasil com a esposa. Amanda convive muito bem com sua família, especialmente com a mãe e com a irmã.

Os pais de André são casados e passaram por rompimentos no seu casamento. Ele é o único filho dessa relação, contudo, seus pais tiveram filhos em outros relacionamentos. André tem três sobrinhos com idades próximas a dele e com quem cresceu junto. Segundo ele, a relação com a família é boa, mantendo contato principalmente por mensagens de texto. Antes da pandemia, o casal costumava visitar as famílias no interior duas vezes por mês.

Relação do Casal com as Famílias de Origem

As famílias de origem reagiram bem ao anúncio da coabitação do casal. Eles já esperavam por esta notícia e até mesmo que estivessem mais “avançados” na relação: “Pelos meus pais a gente já tinha tido filho também e tal” (André, EC); “Por eles a gente já estaria até mais adiante” (Amanda, EC). Depois de iniciarem a coabitação, relataram ter menos paciência com as famílias quando os visitam, sentindo falta de ter o próprio espaço novamente. Apesar disso, não notaram alterações no vínculo: “Em relação a vínculo com eles, pelo menos eu com a minha família ainda não senti que foi tanta [mudança]” (Amanda, EC), o que sugere um movimento saudável da díade, por manterem tais laços e ao mesmo tempo demonstrarem independência do sistema familiar de origem (McGoldrick, 2016). Este

movimento de afastamento do casal com relação às famílias de origem pode ser considerado protetivo na etapa de formação do casal (Quissini & Coelho, 2014).

O casal, em geral, não percebe intromissões das famílias de origem: “Eles não são de se meter” (Amanda, EC). Reconhecem, no entanto, ser um pouco desafiador lidar com o pai de André. Antes da pandemia, ele era vizinho do casal e o convívio era difícil por ele ser pouco flexível e “dependente” (André, EC). Amanda referiu estranhar a forma como a família do companheiro se comunica e expressa afeto. Para ela, o fato de os sogros chamarem um ao outro de “pai” e “mãe”, mesmo fora do contexto de parentalidade, demonstra que esses papéis têm um grande peso em suas identidades. O aspecto positivo que avalia na família do companheiro é a organização financeira deles, além de considerar “a mãe dele uma ótima mãe” (EI). Segundo a participante, a relação com a família do companheiro é boa, embora não seja de muita proximidade emocional. Por sua vez, André diz manter uma relação muito boa com a família da companheira, afirmando ser “bem diferente do que a Amanda teve com a [dele]” (EI), corroborando Amanda. Em sua avaliação, a família de Amanda é bastante unida e fornece muito apoio entre si. Além disso, admira a forma como educaram a parceira. O que gera estranhamento para ele é a rapidez com que alguns conflitos se iniciam entre eles, devido a motivos banais.

Avaliação sobre a Relação Conjugal dos Pais e Repercussões na Conjugalidade

Em suma, ambos referiram não considerar os exemplos da forma de se relacionar dos seus pais como modelo. Os pais de Amanda moraram em casas separadas durante muitos anos, em função de seus trabalhos: “Eles se acostumaram com duas vidas, como se fosse de namorados namorando à distância. [...] Eles se dão bem, só que eles tão bem melhor separados do que juntos. [...] Agora que eles tão se redescobrendo enquanto casal” (Amanda, EC). Por isso, ela considera importante manter “uma vida de casal” (EC) com o parceiro.

Para André, seus pais são um modelo pouco romântico:

Os meus pais não demonstravam muito [afeto], eles não se beijavam na nossa frente, eles não tinham uma vida muito romântica. Por exemplo, eles não se reservavam um tempo só pra eles, não saiam pra jantar só eles. [...] Dormiam desde muito tempo atrás em quartos separados. Então, eles meio que ficaram nesse status assim. E pra mim sempre foi um pouco estranho, porque, claro, eu via outros casais e eu achava totalmente estranho. Com isso, parece que eu vejo como que é meio chato de ser, meio errado e eu não quero repetir isso também (EC).

Dessa forma, o casal revela conversar com frequência sobre os aspectos dos modelos conjugais dos pais que não desejam repetir: “Tanto as questões que a gente enxerga nos pais do André, quanto nos meus, a gente conversa bastante assim de não repetir algumas coisas” (Amanda, EC); “Eu penso bastante nisso, porque acho que dá muito exemplo pra nós de como que não deve ser. Até como pode ser que tenham algumas coisas boas também, mas eu acho que dá exemplos pra gente” (André, EI). Mais especificamente, temem repetir os conflitos e forma de resolução, assim como o pouco investimento na conjugalidade, que testemunharam ocorrer com seus pais. Porém, não é uma tarefa fácil: “A gente sempre, desde o início do nosso namoro, não queria repetir o relacionamento dos nossos pais. E eu acho que de tanto a gente não querer repetir, a gente acaba repetindo, como quase todo mundo faz” (Amanda, EI).

Ambos não consideram que suas mães estejam satisfeitas amorosamente. Amanda não sabe se o pai está satisfeito, enquanto André acredita que seu pai esteja. As narrativas da díade são semelhantes no sentido de apontarem que seus pais se acomodaram em seus relacionamentos e permanecem juntos, em grande parte, devido a isso. Ao serem questionados sobre os aspectos negativos e positivos que gostariam ou não de repetir, o casal

reconheceu o empenho dos pais de André em educar os filhos, mas André avalia criticamente o transbordamento da parentalidade para os demais papéis da vida:

[Amanda diz “Teus pais foram ótimos pais”].

Ótimos! Pais de criança, acabou, entendeu? Depois disso foi estranho, mas a intenção era boa. Sempre foi dedicação total, dos dois pra nós. Só que eu acho que isso que foi o erro também, porque eles não pensaram na vida deles. Então, isso eu acho que é perigoso (André, EC).

Sobre os aspectos positivos que gostariam de repetir, Amanda assinala a amizade e a capacidade dos pais de se divertirem juntos, e André, o bom exercício parental. Contudo, nenhum citou pontos mais relacionados à conjugalidade: “É mais um exemplo de como não ser do que um exemplo positivo” (André, EC).

Casal B: Bárbara e Bernardo

Bárbara (23 anos) e Bernardo (23 anos) namoraram durante sete anos e coabitam há 11 meses. O casal se conheceu no ensino médio, no interior de um estado do Sul do país. Primeiro foram amigos e, depois de alguns meses, tornaram-se namorados. Com o início da graduação, os dois saíram da casa dos pais, sendo que Bernardo se mudou de estado. Neste período – que durou dois anos e meio - namoraram à distância. Eles sofreram com a distância e, por isso, começaram a planejar a coabitação que se concretizou em Porto Alegre, tendo sido antecedida por um breve rompimento do namoro. Pouco antes de se mudarem, adotaram uma cachorra. Ambos mantêm uma rotina intensa de trabalho e realizam terapia individual.

Configuração Familiar de Origem do Casal B

Bárbara é filha única e seus pais coabitam desde que ela nasceu. Segundo ela, a relação com eles é um pouco difícil, principalmente, com a mãe. A família é pequena e distanciada dos demais parentes, já que os familiares do lado paterno moram em outro estado. Do lado materno, por sua vez, há uma proximidade física, mas distanciamento emocional.

A família de Bernardo é maior e, segundo ele, “é toda bugada” (EC). Sua mãe também engravidou muito jovem, aos 16 anos. Nessa época, teve que sair de casa, já que a família, de costumes bastante tradicionais, não aceitou a gravidez fora do casamento. Durante a infância, Bernardo viveu em diferentes cidades e acabou não criando raízes em nenhuma delas: “A gente mudava muito [...] tipo, conhecia uma galera e mudou. E isso sendo criança, né. Então eu percebo que eu nunca criei raízes e acho que até impactou um pouco no modo como eu sou. Bastante, na verdade” (EC). Em uma dessas mudanças, a mãe de Bernardo conheceu o pai do irmão do meio, quem Bernardo considerou como padrasto até os sete anos de idade. Contudo, esta relação foi relativamente conturbada e, então, rompida. Anos depois, ela conheceu outro homem com quem coabita atualmente, sendo também o pai do irmão mais novo de Bernardo. Segundo o participante, ele “é um cara super gente boa, faz super bem pros meus irmãos” (EC). Com o início dessa relação, todos passaram a morar juntos.

Relação do Casal com as Famílias de Origem

Atualmente, a relação do casal com suas famílias de origem é de pouco contato, mas consideram ter um relacionamento bom e tranquilo. Às vezes, ligam ou mandam mensagens e os visitam nas férias. No início da coabitação, a mãe de Bernardo auxiliou o casal financeiramente, e o pai de Bárbara costumava oferecer ajuda, embora ela nunca tenha aceitado, por não querer depender financeiramente dele. Ambas as famílias gostam dos companheiros de seus filhos e aprovam sua união.

Segundo Bernardo, sua relação com a família da companheira é boa. Ele discorda de algumas visões dos sogros, as quais considera um pouco limitadas. Assim, conta: “Isso me irrita um pouquinho, mas nada que me faça não gostar” (Bernardo, EI). Embora estranhe o fato de eles serem tão “isolados” (EI), admira a história da família e o que construíram juntos: “A gente se respeita, se gosta muito, gosto muito da história deles, gosto muito deles como pessoas” (EI). A companheira, por sua vez, admira na família de Bernardo a receptividade e o fato de estarem sempre se reunindo. Ao mesmo tempo, sente um pouco de incômodo com isso, por não estar habituada a conviver com uma família grande. Bárbara também revelou ter uma certa dificuldade em lidar com a forma como Bernardo foi criado: “A mãe dele não foi uma mãe boa pra ele e é uma mãe maravilhosa pros outros irmãos dele, sabe?” (EI). Apesar disso, convive bem com a família do companheiro.

Avaliação Sobre a Relação Conjugal dos Pais e Repercussões na Conjugalidade

Para Bárbara, o modelo conjugal de seus pais não serve como referência positiva: “Eu não queria ter uma relação que nem o meu pai e a minha mãe têm” (EC); “Ah, eu estou tentando não repetir várias coisas que a mãe faz. Quase tudo (risos). É verdade... Como é que eu vou explicar? Tipo, dela ser mãe do pai, fazer tudo...” (EC). Seus pais são muito dependentes um do outro e têm uma dinâmica de cuidado quase parental entre eles. O pai de Bárbara já quis se separar, porém não conseguiu. Um tempo depois, passou a viajar mais e ficar menos em casa, e Bárbara notou uma melhora na relação conjugal deles, com mais expressão de afeto da mãe pelo pai. Ela acredita que a mãe esteja satisfeita com a relação, ao passo que o pai “nem tanto” (EC). Ao avaliar este modelo conjugal, Bárbara refere se esforçar para não repetir a postura pouco flexível da mãe.

Na perspectiva de Bernardo, a relação conjugal da mãe e do padrasto é, de modo geral, boa, apesar de terem alguns problemas. Para ele, a mãe está parcialmente satisfeita na relação, tendo em vista tudo que viveu antes, e o padrasto está satisfeito. Bernardo empenha-se para não repetir alguns comportamentos que testemunhou em sua infância, como o de consumo excessivo de álcool, almejando, assim, uma vida saudável. Revelou também o desejo de “criar uma comunidade [no sentido de família] legal” (EC). A parceira corrobora isso ao notar sua vontade de “ser um pai muito bom” (EI), o que seria influenciado pela ausência do pai na vida de Bernardo. Algo positivo que Bernardo presenciou na relação conjugal da mãe e do padrasto e que repete com Bárbara é o incentivo e apoio à companheira buscar seus sonhos.

Casal C: Claudia e César

Claudia (32 anos) e César (31 anos) namoraram durante dois anos e passaram a morar juntos após nove meses de namoro, possuindo um ano e três meses de coabitação. César praticava um esporte coletivo próximo ao apartamento de Claudia. Ela tinha amizade com alguns atletas e gostava de assistir aos jogos e treinos da equipe. Eles começaram a trocar mensagens, saíram e ficaram, sendo tudo isso muito rápido e intenso, segundo eles. Um mês depois estavam namorando. O início da coabitação foi motivado pelo desejo de Claudia em sair do apartamento que dividia com amigos. Conversou com César sobre a possibilidade de viverem juntos, e ele aceitou. O casal divide os cuidados de uma cachorra, adotada por Claudia. Após a entrevista conjunta, Claudia iniciou o segundo processo de terapia individual. César não realizava terapia, embora tivesse experienciado terapia individual e familiar anteriormente.

Configuração Familiar de Origem do Casal C

Os pais de César são casados e têm três filhos homens, sendo César o caçula. O irmão mais velho é casado e pai de três meninas. César recebeu o mesmo nome do pai, com quem tem uma relação muito próxima, segundo Claudia (EI): “A mãe dele falou [...] ‘tu sabe que o César [pai] não pergunta por nenhum outro filho, é sempre o Júnior’. E ele é César Júnior. Eu disse: ‘claro, eles super se identificam’, daí ela disse: ‘nossa, é impressionante!’”.

Claudia é a filha caçula de três irmãos. Seus pais se divorciaram quando ela tinha cinco anos. O pai passou a viver em outra cidade onde recasou. A mãe teve um relacionamento sério durante nove anos, porém não chegou a se casar com este namorado. Claudia considera que ele tenha sido também uma figura paterna para ela. Seu irmão é 12 anos mais velho que ela, tem três filhos e é divorciado. A irmã do meio possui 10 anos de diferença de Claudia e está casada. Devido à grande diferença de idade com os irmãos, Claudia cresceu mais próxima da mãe. O pai visitava Claudia duas vezes por mês, nos fins de semana. Segundo a participante, ele era um “paizão” (EC) quando estavam juntos, mas não era presente nos demais momentos: “Quando eu não estava com ele, era como se eu não tivesse um pai” (EC). Sua família nutre uma relação de intimidade, união e carinho entre si, e os pais têm uma boa convivência, ainda que sejam divorciados.

Relação do Casal com as Famílias de Origem

A família de Claudia ficou contente com o início do namoro, por ser o primeiro relacionamento oficial de Claudia, assim como com a notícia da coabitação, avisando-a, porém, de que “morar junto não é um mar de rosas, tem as suas dificuldades e tal” (EC). A família de César reagiu com surpresa, devido ao namoro ser relativamente recente, mas “sempre apoiaram” (César, EC), inclusive, como fiadores do casal.

O casal mantém uma relação de proximidade com as famílias de origem: “A gente convive bastante, a gente se dá muito bem com as duas famílias: com a minha e com a dele. [...] A gente ama ambas as famílias e fomos muito bem recebidos pelas famílias um do outro” (Claudia, EC). E valorizam essas relações: “A gente sempre foi muito família, sabe?! De dar muito valor pra família, de fazer muitas coisas com a família” (Claudia, EC). A família de César se reúne com mais frequência, por isso, o casal passa mais tempo com eles, mas asseguram que “nunca deram letra” (César, EC) no relacionamento deles.

Claudia gosta e admira bastante a família do companheiro: “Minha relação com eles é muito carinhosa, eu me sinto muito acolhida, me sinto muito parte da família” (EI). O aspecto que ela não admira são alguns padrões de interação que envolvem implicância. Ela exemplifica isso com a forma como o sogro, que possui um posicionamento político contrário ao dela, aborda o tema da política: “É sempre comigo [que ele fala] diretamente, porque eu me posiciono, sabe? E aí ele sempre fala pra implicar comigo e eu fico quieta, eu dou risada e digo ‘ah é? Então tá, tá bom’. Deixo assim” (EI).

Da mesma forma, César também admira a família de Claudia: “É uma baita família, não tenho o que falar deles. Me acolheram super bem, me tratam super bem, eu gosto muito” (EI). Ele corrobora a fala da companheira sobre o pai dela ser ausente e não contribuir com os papéis que envolvem a paternidade, nem em termos práticos, nem financeiros, sendo algo que o incomoda em alguma medida. O que gera admiração é a “facilidade que é [para] eles demonstrarem carinho e se relacionarem” (EI).

Avaliação sobre a Relação Conjugal dos Pais e Repercussões na Conjugalidade

César considera que os pais não possuem uma boa relação: “Acho uma relação muito merda. É aquela coisa de antigamente, de ficar junto e ser uma vergonha se separar. Eles têm milhares de problemas e só ignoram” (EC). Para ele, a relação é de dependência, em que “não

existe um espaço pra cada um” (EC) e acabam se machucando emocionalmente. Assim, verifica-se que César valoriza o respeito ao espaço de cada membro do casal: “Uma coisa importante que a gente foi lapidando também ao longo do tempo é o espaço de cada um” (EC).

Claudia percebeu que César repetia com ela a mesma dinâmica de interação dos sogros:

O César tinha mais esse hábito, ele ainda tem, de implicar comigo, de ficar contradizendo as coisas que eu digo. [...] No começo isso me feria um pouco mais e uma vez eu me lembro de questionar: ‘Eu não quero ser que nem o teu pai e a tua mãe, eu não quero esse futuro pra nós’. [...] Eu não quero isso de ficar querendo machucar o outro pra ver quem é que tá ganhando. E aí uma frase que é clássica no nosso relacionamento é ‘não é uma competição’ (EC).

Ainda que César tenha demonstrado uma visão crítica acerca do modelo conjugal dos pais, não repetir determinados padrões pode ser desafiador (Bello & Marra, 2020; Jamison & Lo, 2021). É neste sentido que alguns estudiosos do tema consideram o encontro conjugal favorecedor de novas percepções e possibilidades de desenvolvimento da vida a dois (Scorsolini-Comin & Santos, 2016).

Os pais de Claudia casaram-se jovens e permaneceram juntos durante 15 anos. Eles tentaram manter o casamento e passaram por algumas reconciliações, sendo que Claudia nasceu em uma dessas tentativas. Contudo, a relação terminou, e Claudia se recorda pouco dos pais juntos. Os modelos conjugais com os quais mais teve contato foram as relações amorosas posteriores ao divórcio. Ela considera que um relacionamento longo de namoro da mãe foi conturbado e tóxico. Por outro lado, o recasamento do pai mostra-se mais estável, ainda que tenham vivenciado alguns problemas conjugais. Neste sentido, considera esta

relação como um modelo conjugal mais marcante justamente porque o casal construiu a relação apesar dos desafios. Corrobora-se, assim, que para fornecer bons exemplos de modelo conjugal não é necessário que os pais se mantenham casados (Jamison & Lo, 2021).

Claudia e César não consideram que seus pais eram ou são satisfeitos no relacionamento. O casal elencou alguns aspectos positivos das relações conjugais dos pais que pretendem repetir: no caso de César, o cuidado que um tem pelo outro – embora considere muitas vezes excessivo – e o fato de terem uma vida social ativa, tendo construído uma família com vínculo e carinho entre si. No caso de Claudia, o fato de os pais terem sido muito parceiros e valorizarem os momentos de lazer e a família.

Síntese de Casos Cruzados

A partir de uma análise horizontal dos casos foi possível notar narrativas congruentes entre os casais tanto nas entrevistas conjuntas quanto individuais. Os casais, de modo geral, demonstraram um adequado processo de diferenciação com suas famílias de origem, sem expressar sofrimento para tanto, o que contrasta com dados de outras pesquisas (Bueno et al., 2013; McGoldrick, 2016). Este é um bom indicador, tendo em vista que a apropriada diferenciação das famílias de origem é importante para o estabelecimento da formação do casal, etapa em que os participantes se encontravam (Gubbins et al., 2010; McGoldrick, 2016; McGoldrick & Shibusawa, 2016).

Observa-se nas famílias de origem dos entrevistados uma diversidade de configurações: famílias com casamento intacto, recasamento, coabitação e divórcio. Os casais demonstraram se relacionar bem com suas famílias de origem, sendo alguns mais próximos - como os casos A e C - e outros menos próximos geográfica e emocionalmente – como o caso B. De modo geral, as famílias apoiaram os casais nessa nova etapa, ao mesmo tempo em que

respeitaram a privacidade da díade, evidenciando um aspecto saudável (McGoldrick, 2016; McGoldrick & Shibusawa, 2016).

O fato de o casal mencionar que sentiu falta do próprio espaço quando visitava as famílias de origem pode estar revelando seu movimento de individuação (Bowen, 1991), que contribui para a consolidação do processo de delimitação da privacidade conjugal (McGoldrick, 2016; Quissini & Coelho, 2014; Ríos-González, 2011). Este processo indica que estão realizando as tarefas próprias da etapa de formação do casal que implica a emancipação do adulto jovem da família de origem (McGoldrick & Shibusawa, 2016).

Na etapa de formação do casal, elege-se quais práticas das famílias de origem devem ou não ser continuadas (Ríos-González, 2011). Nessa perspectiva, os casais demonstraram refletir em grande medida sobre os modelos conjugais dos pais e conversarem explicitamente sobre os aspectos que não desejavam repetir em suas relações atuais, assim como descrito em estudos brasileiros com casais na mesma etapa do ciclo vital (Bueno et al., 2013; Menezes & Lopes, 2007). As análises sobre os modelos de conjugalidade dos pais foram predominantemente negativas, sendo recorrente o relato sobre a relação de dependência entre os progenitores, além de manterem um relacionamento fortemente marcado pela parentalidade em detrimento da conjugalidade.

Todos os casais parecem ter consciência e crítica a respeito de aspectos considerados problemáticos na relação conjugal de seus pais e tendem a se empenhar para não repetir tais aspectos em seus relacionamentos. Por exemplo, Amanda cresceu vendo seus pais distantes, vivendo em cidades diferentes e hoje considera importante manter uma vida conjugal próxima de André. Da mesma forma, César referiu a ausência de espaço individual no relacionamento dos pais como algo negativo, portanto, valoriza e preserva o seu espaço individual em sua relação com Claudia. Assim, demonstraram, por meio da tentativa e erro,

não repetir esses modelos, tal qual relatado nas pesquisas de Jamison e Lo (2021). Com relação aos aspectos positivos da relação conjugal dos pais que gostariam de repetir em seus relacionamentos, constatou-se, em geral, dificuldades dos participantes em nomeá-los, destacando, entretanto, um senso de união familiar. A literatura salienta o quanto geralmente as trocas afetivas dos casais já diminuiriam quando os filhos têm condições de percebê-las (Bowen, 1991), sendo importante o investimento contínuo na conjugalidade ao longo do ciclo vital.

A conjugalidade é uma experiência que tem o potencial tanto de elaborar vivências familiares negativas anteriores, quanto de construir modelos mais adaptativos a partir do encontro com o parceiro e das reflexões sobre os modelos conjugais conhecidos (Rosado et al., 2016; Scorsolini-Comin & Santos, 2016). Apesar disso, exercer uma conjugalidade distinta da testemunhada é um grande desafio, especialmente, quando não se reflete ou se reconhecem esses aspectos (Falcke et al., 2008), o que não foi verificado na presente amostra. Pelo contrário, fica evidente o esforço dos casais em trabalhar suas “heranças” transgeracionais.

O fato de mais da metade da amostra estar em acompanhamento psicoterapêutico individual pode auxiliar a explicar os resultados encontrados, já que, embora tenha predominado uma percepção negativa sobre as experiências conjugais dos pais, os casais reportaram, em geral, bons níveis de qualidade conjugal. Dessa forma, pode-se supor que, assim como indicado em estudos nacionais e internacionais (Bello & Marra, 2020; Chen & Busby, 2019), a terapia pode ter contribuído em grande medida para a construção de padrões conjugais mais adaptativos.

Considerações Finais

Este estudo se propôs a compreender como três casais na etapa de formação avaliaram as repercussões das experiências na família de origem em sua conjugalidade. Foi possível observar que os casais estavam atentos aos modelos conjugais dos pais, sendo isso um tópico de conversa entre eles. Em geral, esses modelos foram considerados pouco saudáveis, fornecendo mais do que um modelo a seguir, um exemplo do que não fazer. Mesmo assim, evitar essa repetição se mostrou tarefa árdua. De todo modo, os participantes demonstraram refletir sobre os modelos conjugais dos pais, sendo muito provável que as terapias individuais tenham auxiliado neste processo, bem como na capacidade demonstrada de evitar repetir aspectos considerados negativos. Dessa forma, outras experiências - não somente aquelas das famílias de origem - podem ter contribuído favoravelmente para a construção de bons modelos de casal, conforme apontado em estudos anteriores (Falcke et al., 2008; Rosado et al., 2016; Scorsolini-Comin et al., 2015).

Investigações com díades na etapa de formação mostram-se relevantes, considerando que comportamentos desadaptativos, possivelmente aprendidos nas famílias de origem, podem se perpetuar transgeracionalmente, caso não sejam realizadas intervenções (Monk et al., 2021). Assim, revela-se a importância de desenvolver pesquisas e intervenções com casais na etapa de formação, primordialmente em uma perspectiva preventiva, sendo, portanto, esta uma das contribuições do presente estudo. A psicoeducação para casais, por exemplo, é uma estratégia de promoção de saúde que se propõe a apresentar formas efetivas de encaminhamento dos conflitos (Wagner & Neumann, 2022), e que pode beneficiar em grande medida este tipo de população, especialmente, considerando que nem todos testemunham modelos conjugais positivos ao crescer. Nestes casos, a usual adoção das estratégias de tentativa e erro, conforme reportado por Jamison e Lo (2021), pode ser muito

penosa e desgastante aos envolvidos. Oferecer informações sobre como agir de modo diferente parece útil e saudável para os casais (Wagner & Neumann, 2022).

Espera-se que este estudo contribua para a prática clínica de profissionais que atuam com o público adulto, tendo destacado a importância de investigar a história familiar dos indivíduos, o que inclui os modelos conjugais experienciados, a forma como as práticas conjugais dos progenitores são avaliadas pelos descendentes (se com crítica ou idealização, por exemplo), e possíveis aproximações desses pontos com as estratégias atuais utilizadas pelos descendentes em suas relações conjugais. Percebe-se como limitação o fato de as informações obtidas sobre as famílias de origem se basearem nas memórias dos participantes, o que traz ressalvas quanto às implicações dos achados. Estudos longitudinais poderiam mitigar este viés, sendo uma indicação para investigações futuras. Casais que aceitam participar desse tipo de pesquisa tendem a apresentar maiores níveis de satisfação conjugal em comparação aos que declinam de participar, influenciados, sobretudo, por questões de deseabilidade social, fenômeno que também pode ter ocorrido no presente estudo (Almiro, 2017). Por outro lado, as entrevistas em profundidade realizadas com os casais e com cada indivíduo separadamente mostram-se como uma potencialidade deste estudo, na medida em que proporcionaram uma riqueza de dados, tanto individuais quanto diádicos, possibilitando compreender de modo aprofundado aspectos transgeracionais em casais na etapa de formação.

Referências

- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação Psicológica*, 16(3). <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Anderson, J. R., Johnson, M. D., Liu, W., Zheng, F., Hardy, N. R., & Lindstrom, R. A. (2014). Young adult romantic relationships in Mainland China: Perceptions of family of origin functioning are directly and indirectly associated with relationship success. *Journal of Social and Personal Relationships*, 31(7), 871–887. <https://doi.org/10.1177/0265407513508727>
- Bello, L. D., & Marra, M. M. (2020). O fenômeno da transgeracionalidade no ciclo de vida familiar: Casal com filhos pequenos. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 28(2), 118–130. <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20168>
- Bowen, M. (1991). Aplicación de la teoria de la familia en la practica clinica. In M. Bowen (Org.), *De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar* (pp. 19–63). Paidós.
- Bueno, R. K., Souza, S. A., Monteiro, M. A., & Teixeira, R. H. M. (2013). Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. *Psico*, 44(1), 16–25. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5631437>
- Chen, R., & Busby, D. M. (2019). Family of origin experiences on relationship satisfaction: A mediation model. *Journal of Family Therapy*, 41(1), 80–101. <https://doi.org/10.1111/1467-6427.12217>
- Dennison, R. P., Koerner, S. S., & Segrin, C. (2014). A dyadic examination of family-of-origin influence on newlyweds' marital satisfaction. *Journal of Family Psychology*, 28(3), 429–435. <https://doi.org/10.1037/a0036807.supp>

- Falcke, D., & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In A. Wagner (Org.), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 25–46). EDIPUCRS.
- Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. P. (2008). The relationship between family-of-origin and marital adjustment for couples in Brazil. *Journal of Family Psychotherapy, 19*(2), 170–186. <https://doi.org/10.1080/08975350801905020>
- Gubbins, C. A., Perosa, L. M., & Bartle-Haring, S. (2010). Relationships between married couples' self-differentiation/individuation and Gottman's model of marital interactions. *Contemporary Family Therapy, 32*(4), 383–395. <https://doi.org/10.1007/s10591-010-9132-4>
- Hameister, B. R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: Uma revisão sistemática do efeito *spillover*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia, 67*(2), 140–155. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5631437>
- Jamison, T. B., & Lo, H. Y. (2021). Exploring parents' ongoing role in romantic development: Insights from young adults. *Journal of Social and Personal Relationships, 38*(1), 84–102. <https://doi.org/10.1177/0265407520958475>
- Komorowska-Pudło, M. (2021). Family-of-origin ties and relationships and how they affect dealing with one's own marital conflicts. *Kwartalnik Naukowy Fides et Ratio, 46*(2), 173–204. <https://doi.org/10.34766/fetr.v46i2.829>
- Lavner, J. A., & Bradbury, T. N. (2019). Trajectories and maintenance in marriage and long-term committed relationships. In D. Schoebi & B. Campos (Orgs.), *New directions in the psychology of close relationships* (pp. 28–44). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781351136266-3>

- McGoldrick, M. (2016). Becoming a couple: The joining of families. In M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Orgs.), *The expanding family life cycle: individual, family and social perspectives* (5th ed., pp. 259–279). Pearson.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In F. Walsh (Org.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4ª ed., pp. 375–398). Artmed.
- Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2007). A transição para o casamento em casais coabitantes e em casais não-coabitantes. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(1), 52–63. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19814>
- Monk, J. K., Ogolsky, B. G., Rice, T. K. M., Dennison, R. P., & Ogan, M. (2021). The role of family-of-origin environment and discrepancy in conflict behavior on newlywed marital quality. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(1), 124–147. <https://doi.org/10.1177/0265407520958473>
- Quissini, C., & Coelho, L. R. M. (2014). A influência das famílias de origem nas relações conjugais. *Pensando Famílias*, 18(2), 34–47. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Ríos-González, J. A. (2011). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja ¿Crisis u oportunidades?* (2ª ed.). Editorial CCS.
- River, L. M., Treter, M. O., Rhoades, G. K., & Narayan, A. J. (2022). Parent–child relationship quality in the family of origin and later romantic relationship functioning: A systematic review. *Family Process*, 61(1), 259–277. <https://doi.org/10.1111/famp.12650>

- Rosado, J. S., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2016). Ajustamento conjugal: A função das características individuais, do casal e do contexto. *Psicologia Em Pesquisa, 10*(1), 26–33. <https://doi.org/10.24879/201600100010044>
- Scorsolini-Comin, F., Fontaine, A. M. G. V., & Santos, M. A. (2015). Conjugalidade dos pais: Percepções de indivíduos casados e solteiros. *Avaliação Psicológica, 14*(2), 223–231. <https://doi.org/10.15689/ap.2015.1402.07>
- Scorsolini-Comin, F., & Santos, M. A. (2016). Construir, organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. *Psicologia Clínica, 28*(1), 141–159. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652016000100008&lng=pt&tlng=pt.
- Silva, I. M., Menezes, C. C., & Lopes, R. C. S. (2010). Em busca da “cara-metade”: Motivações para a escolha do cônjuge. *Estudos de Psicologia, 27*(3), 383–391. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000300010>
- Wagner, A., & Neumann, A. P. (2022). *Viver a dois: Compartilhando este desafio: Programa psicoeducativo para casais: Edição revisada e ampliada* (2ª ed.). Editora Dialética.
- Yin, R. K. (2015). *Case study research: Design and methods* (5th ed.). SAGE.
- Zarth, D., Haack, K. R., & Razera, J. (2018). A influência da família do homem na escolha do cônjuge e no processo de separação. *Revista de Psicologia, 9*(2), 86–95. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8086007>
- Ziviani, C., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2009). A conjugalidade dos pais percebida pelos filhos: Questionário de avaliação. In T. Féres-carneiro (Org.), *Casal e família: Permanências e rupturas* (1ª ed., pp. 157–168). Casa do Psicólogo.